

REISTÊNCIA E MILITÂNCIA EM LIMA BARRETO: UMA LEITURA DE VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ¹

Manoel Freire Rodrigues (UERN)²

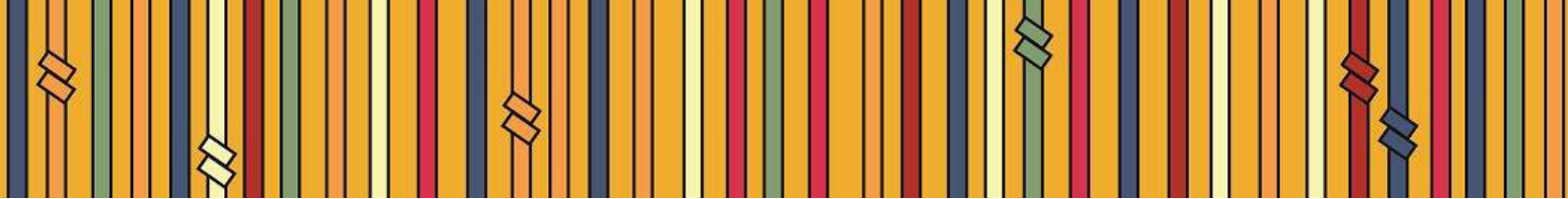
Resumo: Em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, a disposição de Lima Barreto para confrontar os valores consagrados é anunciada logo na apresentação do livro pelo narrador/personagem Augusto Machado, atitude de resistência e recusa do modelo convencional do romance realista. Esta comunicação tem por objetivo analisar alguns aspectos de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, articulando as dissonâncias formais e temáticas do romance com o projeto literário de Lima Barreto, concebido sob o signo da resistência, radicalmente contrário à cultura oficial, o que lhe confere um caráter revolucionário.

Palavras-chave: Lima Barreto; literatura militante; romance; resistência.

Embora seja um dos últimos livros publicados por Lima Barreto, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* começa a ser escrito logo no início da breve trajetória literária do romancista carioca, o que se pode constatar pela leitura do *Diário íntimo*, em que há várias referências ao romance antes de 1910, como também pela correspondência de Lima Barreto, em particular uma carta que escreve a Gonzaga Duque por ocasião da publicação do Isaías Caminha 1909, em que faz menção ao *Gonzaga de Sá*, cuja elaboração já estaria em estágio bastante avançado. Neste romance, a disposição para confrontar os valores consagrados é anunciada logo na apresentação do livro pelo narrador personagem Augusto Machado, que na “Explicação Necessária” que antecede a narrativa expõe com boa dose de ironia as razões que o levaram a escrever a biografia do seu amigo e mestre Gonzaga de Sá. Augusto Machado chama atenção para a singularidade da sua narrativa, que difere dos padrões consagrados tanto pela natureza do material quanto pelos procedimentos adotados em sua elaboração. Quanto à escolha do material, a novidade estaria em escrever a biografia de um amanuense, personalidade sem brilho cuja presença na vida pública não vai além dos trabalhos mecânicos inerentes às suas funções burocráticas na repartição, fugindo assim à tendência convencional de biografar os homens de relevo na vida pública do país.

¹ O texto constitui-se de passagens modificadas da tese *Revolta e melancolia: uma leitura da obra de Lima Barreto*, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (2009) e posteriormente publicada com mesmo título pela Annablume.

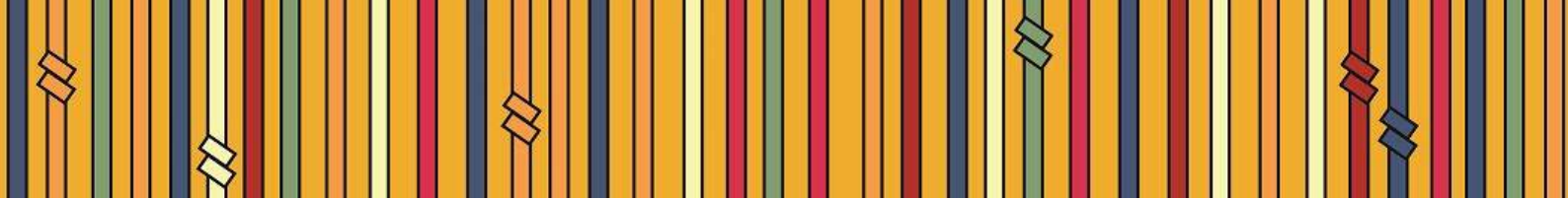
² Professor de Literatura Brasileira (UERN), Mestre em Estudos da Linguagem (UFRN), Doutor em Teoria e História Literária (UNICAM). Contato: manoelfrr@gmail.com.



Nisso o narrador recusa o romance convencional da literatura “sorriso da sociedade”, peculiar ao espírito da *Belle Époque*, a que Lima Barreto chamaria “romance botafogano”, que retrata a vida mundana da alta burguesia, em que figuram políticos, ministros, diplomatas e outras autoridades influentes na alta sociedade. Quanto ao tratamento literário dado ao tema Augusto Machado também foge ao convencional, começando pela ausência de linearidade narrativa, como se os acontecimentos fossem relatados aleatoriamente. Nesse particular o narrador não é original, mas busca modelos não convencionais. Como fizera Brás Cubas (com a diferença de que Brás é personagem de si mesmo), Augusto Machado começa o relato pela morte do seu personagem, para só depois contar alguns episódios “insignificantes” da vida obscura de Gonzaga de Sá. O desinteresse pelo glamour dos salões onde brilham as personalidades ilustres justifica a opção do narrador pela forma de relato que adota.

Logo de entrada Augusto Machado nos informa de que que “a idéia de escrever esta monografia nasceu da leitura diurna e noturna das biografias do doutor Pelino Guedes”, que “são biografias de Ministros, todas elas, e eu entendi fazer as dos escribas ministeriais” (BARRETO, 1956, p. 29). Ofício menos nobre, mas igualmente necessário, sugere com ironia o narrador, adiantando que não haveria no seu propósito “nenhuma censura ao ilustre biógrafo, nem tampouco propósito socialista ou revolucionário de qualquer natureza”, seguindo apenas, “aliás muito inconscientemente, à lei da divisão do trabalho”, considerando que se há ilustres biógrafos para ministros, diplomatas e demais figuras ilustres, é necessária a existência do escritor modesto e obscuro para ocupar-se da vida sem brilho dos amanuenses. Esta explicação “necessária” e irônica já anuncia a seu modo o ideal estético de Lima Barreto, que desde logo abraça o projeto de fazer uma “literatura militante”, despojada da ênfase, do brilho e dos artifícios retóricos inerentes à literatura oficial, o que implicaria também a opção por personagens sem relevo na sociedade, daí a maioria de suas criaturas pertencer às camadas desfavorecidas.

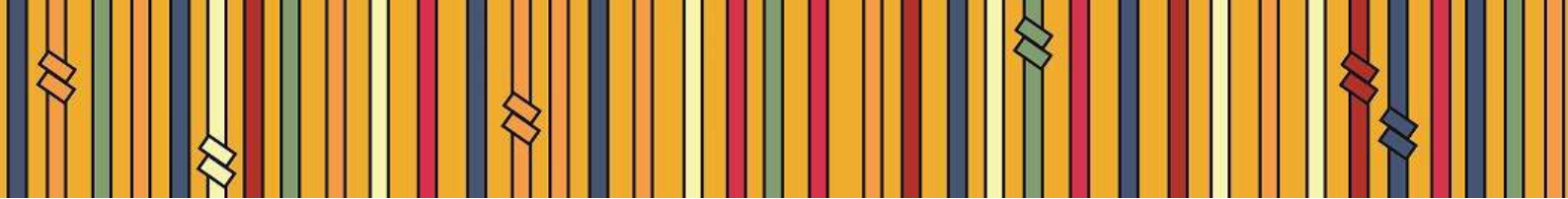
Augusto Machado também adverte o leitor para um aspecto do seu livro estranho ao modelo consagrado de biografia: a presença do autor, que muitas vezes ofusca a vida do personagem, rejeitando assim a posição do narrador onisciente neutro que dá a ilusão de imparcialidade ao realismo convencional. É com ironia que justifica a forma do seu relato: “se, pelo correr do folheto, pus alguma coisa de minha pessoa, a culpa, afora o meu incorrigível egotismo, cabe-me a mim somente”, diz ele, “que não soube imitar, no



estilo, a concisão telegráfica do modelo que adotei, e, na maneira, a sua superior impersonalidade de relatório ministerial”. Daí as diferenças entre o seu estilo e o de Pelino Guedes, biógrafo de celebridades, e a incompatibilidade do seu personagem com os modelos que brilham superiormente em Botafogo e na Rua do Ouvidor, na mesma proporção da sua distância dos literatos da Garnier: “Não sei grego nem latim, não li a gramática do Senhor Cândido do Lago, nunca pus uma casaca e não consegui até hoje conversar cinco minutos com um diplomata bem talhado” (BARRETO, 1956, p. 30). A “incapacidade” de Augusto Machado para imitar o modelo adotado traduz a rejeição dos padrões convencionais das formas consagradas, na forma e no estilo, como também a recusa dos preceitos da velha retórica, o que confere ao seu relato um caráter revolucionário de resistência.

Em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* a disposição para a vida ambulante está nos dois protagonistas, que estão sempre a passear pelos diversos pontos da cidade. Deslocados no meio em que vivem, incompatíveis com a mesquinhez e a mediocridade da repartição burocrática, os dois amigos encontram abrigo para a própria solidão nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. De Gonzaga de Sá ainda conhecemos a casa, herança da família em extinção, onde mora na companhia de dona Escolástica, uma tia que o criou, mas que, entretanto, não entendia o temperamento do sobrinho, a sua mania ambulatória e de leituras. Não tinha outras relações afora o mulato Romualdo, seu compadre, servente da repartição onde trabalhava, e Augusto Machado. Este, por sua vez, só conhecemos passeando pelas ruas da cidade, e nada se sabe a respeito da sua casa e da vida em família, à qual não há referências no romance. Mesmo na repartição os dois companheiros só aparecem no início do relato, quando o narrador descreve seu primeiro contato com o velho Gonzaga Sá, na Secretaria dos Cultos, onde o encontrou ocupado com documentos oficiais, tentando resolver uma “questão cardeal” (a expressão irônica é do narrador), a tirar dúvidas sobre a quantidade de tiros a ser disparados nas homenagens a um bispo e sobre o número de setas que deveria ter a imagem de São Sebastião.

Da mobilidade dos personagens vai-se compondo uma narrativa igualmente móvel, sem um ponto fixo que amarre os fios do enredo. Os motivos surgem como que aleatoriamente, seguindo os flagrantes do olhar errante do narrador, cujo papel, neste caso, mais do que propriamente narrar, é comentar a vida da cidade nos seus mais diversos aspectos, daí a variedades de temas que surgem no correr da prosa melancólica da

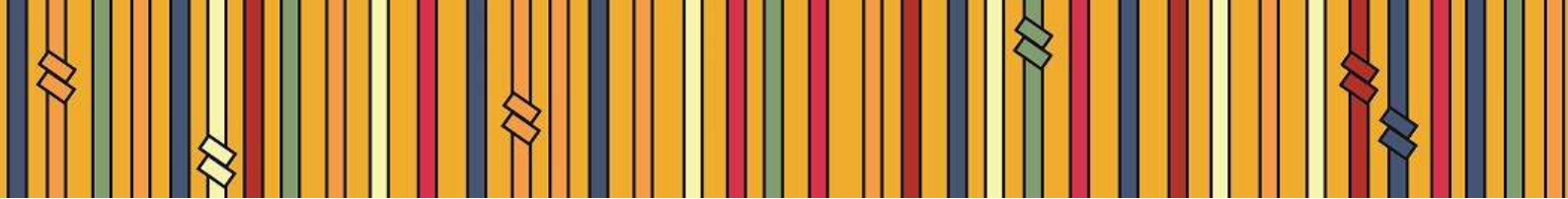


narrativa. Assim, os temas vão se organizando na visão do narrador, de forma a constituírem, mais do que um amontoado de retalhos e fragmentos da realidade, um conjunto articulado em que as partes, por mais dispersas que pareçam, harmonizam-se na moldagem de um mundo que se orienta por valores opostos a seus ideais.

À medida que os personagens passeiam, o leitor vai tomando contato com as múltiplas dimensões da vida social, postas no relato sem hierarquia de valor, de maneira que se misturam e alcançam o mesmo estatuto os assuntos mais díspares e aparentemente distantes, como a moda, o trabalho das costureiras, as ações de um diplomata ou ministro, as mulheres de “vida fácil”, reflexões acerca da organização da sociedade e sobre o “mistério” da existência humana etc. A disparidades dos motivos, porém, não comprometem a unidade do relato, já que tudo se prende ao ponto de vista do narrador, que embora ambulante, subordina tudo ao seu olhar desencantado, daí a perspectiva crítica e melancólica que dá o tom geral da narrativa, que se desenvolve sob o signo da resistência.

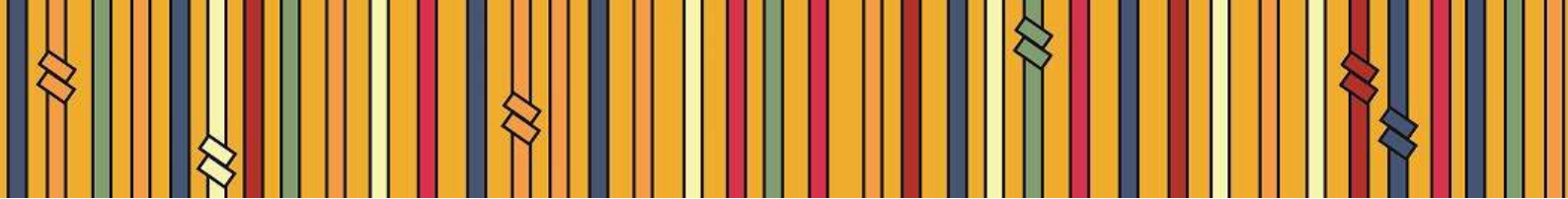
Pela incursão do narrador pelos meandros da vida social vemos a sugestiva e irônica mistura de frivolidade e gravidade, em que as futilidades são postas no mesmo patamar das coisas “sérias”. Pela irreverência da sátira o narrador opera uma inversão de valores, sugerindo que as atividades políticas do Barão do Rio Branco estão no mesmo nível importância do trabalho das costureiras e da mulher de “vida fácil”. A postura do Rio Branco é denunciada no romance pelo personagem Gonzaga de Sá, que afirma: “faz do Rio de Janeiro a sua chácara... Não dá satisfação a ninguém... Julga-se acima da Constituição e das leis”, acrescentando que “seu sistema de governo é a corrupção”, daí porque “Mora em um palácio do Estado, sem autorização legal; salta por cima de todas as leis e regulamentos para prover nos cargos de seu ministério os bonifrates que lhe caem em graça”. E denuncia a ostentação, sugerindo o divórcio entre a visão do homem público e a realidade do país: “Este Rio Branco é egoísta, vaidoso e ingrato... O seu ideal de estadista não é fazer a vida fácil e cômoda a todos, é o aparato, a filigrana dourada, a solenidade cortês das velhas monarquias européias – é a figuração teatral” (BARRETO, 1956, p. 70).

Tal como se dá com a maioria das criaturas de Lima Barreto, a existência de Gonzaga de Sá e Augusto Machado é marcada por uma atmosfera de tristeza e desilusão, e em raros momentos manifestam gesto ou atitude que expresse algum estado de



satisfação. Em ambos prevalece um sentimento de desilusão com a sociedade, que se degrada com a lógica da nova ordem, em que os valores humanos mais verdadeiros são desbancados por um conjunto de valores que negam, segundo a sua percepção, as duas grandes forças da natureza humana, a solidariedade e a inteligência. Sentimento que traduz a melancolia do oprimido numa ordem degradada e expressa a atitude do sujeito que presente a cada passo o próprio fracasso e, num olhar mais ao longe, a irremediável tragédia social decorrente de uma organização social injusta e excludente. No plano espiritual esses indivíduos se ressentem da degradação dos valores que, a seu ver, a transformação dos costumes acarreta, e atuam como defensores de valores autênticos numa sociedade em que parece não haver mais espaço para os valores autênticos. Neste sentido, as personagens do romance de Lima Barreto agem como o herói problemático definido por Georg Lukács, ou seja, como heróis de uma “epopeia do mundo abandonado por deus” (LUKÁCS, 2000, p. 89).

Um episódio dos mais intensos do romance, narrado sob o ponto de vista da melancolia de Augusto Machado, alguns episódios lembram as passagens mais dramáticas do Diário íntimo, em que Lima Barreto, pressentindo a iminência do naufrágio, não ver outra saída senão mergulhar no submundo dos excluídos suburbanos, com quem se identifica se irmana, para então refugiar-se no álcool. É num “feriado nacional” que Augusto Machado nos diz ter descido de sua casa “aborrecido”, depois de “uma noite má, povoada de recordações amargas”, que o pusera de “mau humor, irritado, covardemente desejoso de fugir para lugares longínquos (BARRETO, 1956, p. 139). No das impressões que lhe causava a paisagem à sua volta, mostra-nos o abismo que o separava do meio, a distância entre as suas angústias, que não encontravam o menor eco na atmosfera de euforia, e orgulho patriótico que o brilho e a pompa das comemorações suscitavam nos circunstantes. O sentimento de Machado é de absoluta indiferença, como se o espetáculo em nada o afetasse, como se dissesse respeito a um país distante e desconhecido: “Desci para me delir na multidão, para me embriagar no espetáculo dos fardões e dos amarelos, para me fragmentar com o estrondo das salvas fugindo a mim mesmo, aos meus pensamentos e à minhas angústias”. Ao seu olhar indiferente, o espetáculo se apresenta com a frieza e a rapidez mecânica de imagens cinematográficas: “Vi regimentos, batalhões, luzidos estados-maiores, pesadas carretas, bandeiras do Brasil,



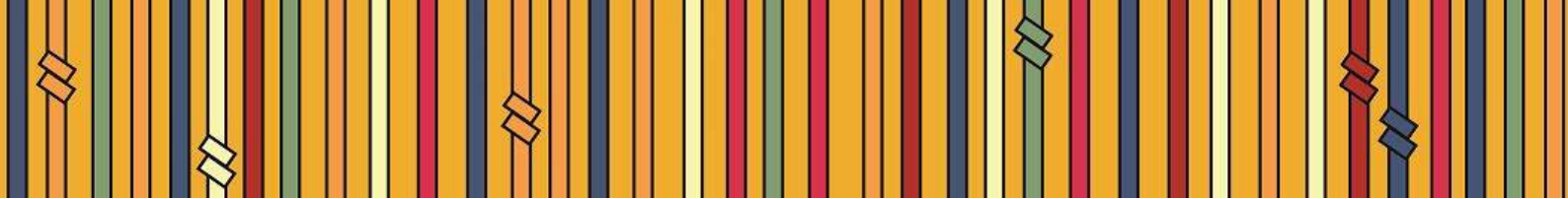
sem emoção, sem entusiasmo, placidamente a olhar tudo aquilo, como se fosse uma vista de cinematógrafo”, que “não me provocava nem patriotismo nem revolta” (GS, p. 139).

Se o espetáculo em si não desperta qualquer sentimento positivo em Augusto Machado, por outro lado entusiasmo que observa em dois populares lhe atíça a chama da revolta que o induz à atitude reflexiva. Diz-nos, então: “Olhei as suas botas, os seus chapéus, em seguida passei o olhar nos generais pimpões que galopavam (grifo meu) ao lado dos dourados almirantes”; e conclui que “A sociedade repousa sobre a resignação dos humildes!”, para então interrogar sobre as razões que levavam aqueles párias a manifestações de orgulho diante de rituais de uma instituição que os oprimia:

Por que aqueles homens maltratados pela vida, pela engrenagem social, cheios de necessidades, excomungados fariam tão entusiasmados pelas coisas de uma sociedade em que sofriam? Por que a queriam de pé, vitoriosa – eles que nada recebiam dela, eles que seriam espezinhados pela mais alta ou pela mais baixa das autoridades, se alguma vez caíssem na asneira de ter negócios a liquidar com alguma delas? (BARRETO, 1956, p. 140).

A exclusão social configura-se de forma bastante expressiva no episódio em que acompanha Augusto Machado Gonzaga de Sá ao Lírico, onde se sente deslocado e como que “amedrontado” diante da ostentação da burguesia republicana. Aqui a humilhação enseja a atitude crítica, que se manifesta ora através da análise dos figurantes, ora pelo escárnio, como se o pária revidasse a exclusão desqualificando o cenário dos poderosos. A primeira atitude é de acanhamento do sujeito humilde em face do ambiente de ostentação: “eu me choquei bruscamente com aquele mundo hostil. Não houve uma só palavra que me ferisse, nem sequer um olhar; entretanto, só em contemplar aquela grande gente, que me parecia tão rica e tão brutal, eu me senti inferior” (BARRETO, 1956, 157).

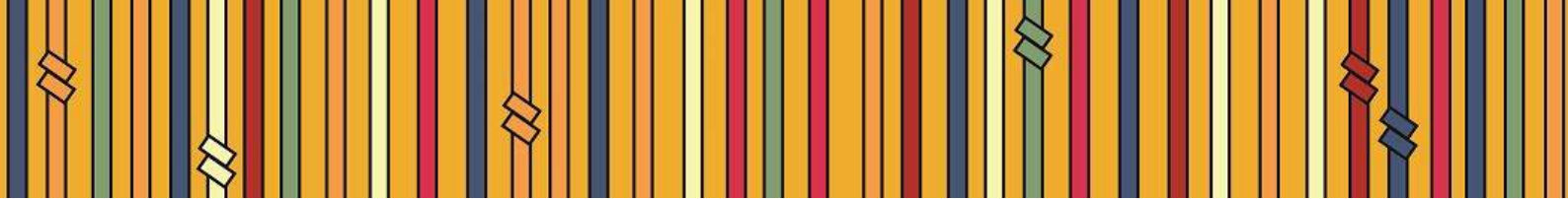
Como expectadores mais do exibicionismo da luxuosa plateia do que propriamente do espetáculo, o diálogo dos dois amigos constitui uma sátira corrosiva aos poderosos presentes, segundo eles a “fina flor” da burguesia nacional, a seu ver arrivista, medíocre e desonesta. O olhar atento do narrador o leva a analisar os bastidores do espetáculo, análise que conduz ao desmonte do aparato de luxo e da aparência de grandeza, revelando a fragilidade, quando não a falsidade das suas bases. A desqualificação do cenário dos poderosos, que, segundo o ponto de vista dos dois amigos estavam ali interessados menos no valor artístico do evento na exibição de si mesmos como espetáculo, começa pelo



espaço físico do teatro, em que o narrador vê objetos e móveis que lhe pareciam inferiores aos de sua “modesta casa”. A caracterização do ambiente revela uma desproporção entre a inconsistente atmosfera de luxo e a precariedade da situação que a sustenta, isto é, a distância entre a pompa da fachada e a pobreza da realidade. “Notei-lhes o forro de reles papel pintado, o assoalho de tábuas de pinho barato; alonguei o olhar pelo corredor e além de acanhados, julguei-os sujos, vulgares”, afirma Augusto Machado, que, à medida que amplia seu ângulo de visão vai descobrindo as camadas frágeis do cenário, para então desvendar o burlesco da situação. Com as flechas da sátira fere a presunção dos elegantes: “O teto sempre me intrigou. Com os seus varões de ferro atravessados, supus que se destinassem a trapézios e outras coisas de acrobacia. Ópera, ou circo?”, pergunta ironicamente, para então ressaltar que “estava no ponto mais elegante do Brasil; no ponto para que converge tudo que há de mais fino na minha terra” (BARRETO, 1956, p. 153-154).

Os dois protagonistas do romance constituem diferentes modos de figuração do oprimido. Como outras criaturas de Lima Barreto, a exemplo de Isaías Caminha, Policarpo Quaresma, além de outras menos conhecidas, Gonzaga de Sá e Augusto Machado são indivíduos cuja existência é marcada por certa atmosfera de tristeza, em raros momentos manifestam atitude que sinalize algum sentimento de satisfação ou alegria. A melancolia de Gonzaga de Sá, que às vezes rasga o véu da resignação e desabrocha em revolta, decorre da incompatibilidade que há entre sua visão de mundo e os valores dominantes no meio em que vive. Assim, aos poucos o velho amanuense vai se isolando, porque o seu esforço (esforço mental, sobretudo) no sentido de ajudar a construir uma ordem mais justa mostra-se inoperante em face da ética dos vencedores. E ele constata, já no fim da vida, a “esterilidade” de seus estudos e de seu pensamento numa sociedade onde os valores que triunfam são incompatíveis com suas aspirações. Em um desabafo amargurado o personagem lamenta o vazio de sua existência dedicada a coisas desprovidas de valor no meio social em que vive:

O que tenho, de fato, é aborrecimento, é tédio; sofro em me sentir só; sofro em saber que organizei um pensamento que não se afina com nenhum... Os meus colegas me aborrecem... Os velhos estão ossificados; os moços, abacharelados... Pensei que os livros me bastassem, que eu me satisfizesse a mim próprio... Engano! As noções que acumulei, não as soube empregar nem para a minha glória, nem para a minha fortuna... Não saíram de mim mesmo... Sou estéril e morro



estéril... As palavras me faltam; as ideias não encontram expressões adequadas, para se manifestarem... Enfim, estou no fim da vida, e só agora sinto o vazio dela, noto a sua falta de objetivo e de utilidade... Meu coração foi sáfaro... Gastei um capital precioso em coisas fúteis... A vida quer outras coisas... Passei quarenta e tantos anos a girar em torno de mim mesmo, e vivendo horas cercado de imbecis... (BARRETO, 1965, p. 147).

O desabafo revela profunda amargura e nos faz lembrar outros depoimentos de natureza semelhante, como o desabafo de Policarpo Quaresma em carta que escreve à irmã, na qual reconhece a falta de sentido de seus projetos, constatando que a pátria que sonhara e para cuja construção dedicara uma vida inteira de estudos não passava de uma ilusão, e lamenta a inutilidade do seu esforço. A passagem resume de certa forma o percurso de Gonzaga de Sá e o desfecho de sua trajetória, e apresenta elementos importantes na configuração das situações narrativas e na própria organização do discurso, determinantes de vários aspectos do livro, como a ironia e o caráter ambulante do amanuense, como também a melancolia que percorre toda a narrativa, plasmando os gestos, os olhares e as palavras das personagens.

Referências bibliográficas

- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- FREIRE, Manoel. *Revolta e melancolia: uma leitura da obra de Lima Barreto*. São Paulo: Annablume, 2014.